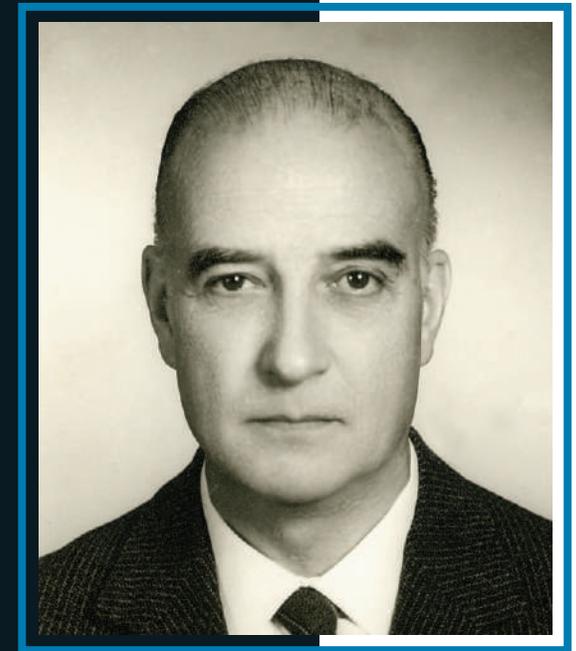


António Gedeão

1906 – 1997

POETA



António Gedeão

POETA

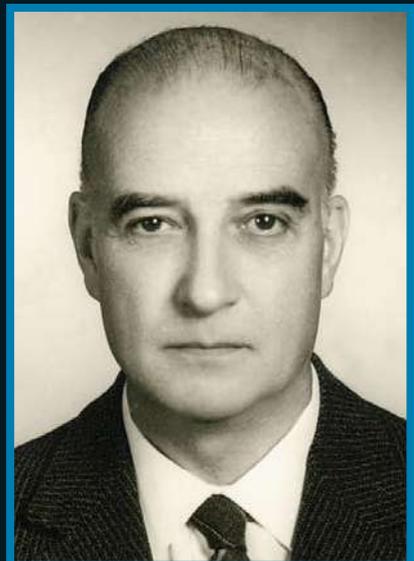
1906 – 1997

Cientista e poeta, professor e sonhador, investigador, pedagogo e historiador da ciência, António Gedeão/ Rómulo de Carvalho tinha um desejo: que fosse o sonho a comandar a vida. Dedicou-se ao ensino com paixão, tentando sempre através das suas aulas de laboratório fazer com que os seus alunos captassem o universo. A sua poesia tinha como objectivo ser útil a quem a lesse e tinha uma razão: "um desejo inatingível da Humanidade melhorar nos sentimentos e na forma de actuar".

A Vereadora,



Ana Sofia Bettencourt



*Venho da terra assombrada,
do ventre da minha mãe;
não pretendo roubar nada
nem fazer mal a ninguém.
Só quero o que me é devido
por me trazerem aqui,
que eu nem sequer fui ouvido
no acto de que nasci.
Trago boca para comer
e olhos para desejar.
Com licença, quero passar,
tenho pressa de viver.
Com licença! Com licença!
Que a vida é água a correr.
Venho do fundo do tempo;
não tenho tempo a perder (...)
Com licença! Com licença!
Que a barca se faz ao mar.
Não há poder que me vença.
Mesmo morto hei-de passar.
Com licença! Com licença!
Com rumo à estrela polar.
"Fala do Homem Nascido"*



Com ano e meio

No dia 24 de Novembro de 1906, na freguesia da Sé, em Lisboa, nasceu Rómulo Vasco da Gama de Carvalho. Lisboaeta durante toda a vida, conseguiu unir de uma forma excepcional, através da sua obra, a ciência e a poesia, a vida e o sonho. Rómulo de Carvalho foi António Gedeão e António Gedeão foi Rómulo de Carvalho.

Era filho de um funcionário dos correios e telégrafos e de uma dona de casa. Viveu numa casa da rua do Arco do Limoeiro (hoje rua Augusto Rosa) juntamente com as irmãs, no seio de um ambiente familiar tranquilo, muito marcado pela figura da mãe, Rosa Oliveira da Gama Carvalho, que influenciou decisivamente a sua vida.



1917, entre as irmãs

Sua mãe era uma mulher que possuindo somente a instrução primária, tinha uma grande paixão pela literatura, sentimento que transmitiu ao filho Rómulo, assim baptizado por causa de um protagonista de um drama lido num folhetim de jornal.

"A minha mãe tinha apenas a escola primária mas ela, como uma das minhas irmãs, amava os livros, e por isso havia em casa um certo ambiente literário. (...) Um dos livros que eu vim a considerar

uma espécie de "bíblia" – 1001 Noites – também chegou até nós. (...) A minha mãe não escrevia poesia, pelo menos não abertamente, mas eu sei que no fundo ela o fazia. Disso estou absolutamente certo. E tudo o que sou hoje é na verdade a reprodução dela. A rosa a que eu me refiro num dos meus poemas é uma reprodução dela. Por isso, na casa de meus pais havia uma espécie de atmosfera literária. Éramos instigados para estarmos interessados pela poesia, mas é claro, de uma forma muito modesta."⁽¹⁾

Os livros em sua casa eram comprados em fascículos, vendidos semanalmente pelas casas, ou, mais tarde, requisitados nas livrarias Portugália ou Morais. Assim, Rómulo acaba por tomar contacto com os grandes mestres da literatura como Camões, Eça, Camilo e Cesário

Verde, que foi um dos seus preferidos, e conhece *As Mil e Uma Noites*, obra que veio a considerar uma das suas bíblias.

Não é para estranhar então, que somente com 5 anos escrevesse os



1922, entre os seus pais



Sua mãe

primeiros poemas e aos 10 decidiu completar *Os Lusíadas* de Camões.

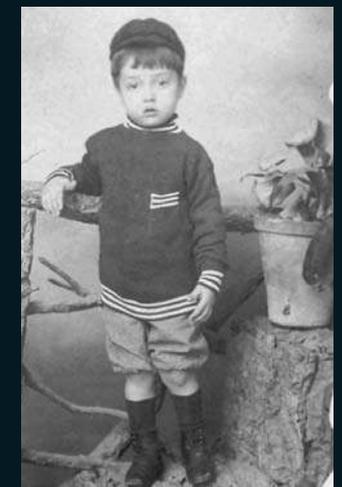
Entrou para o liceu Gil Vicente e, pela primeira vez, tomou contacto com as ciências. As ciências passaram a constituir para ele um novo interesse, que se foi fortalecendo com o passar dos anos e se torna predominante no seu último ano de liceu.

No ano seguinte, aquando da entrada na Universidade, decidiu escolher a área das ciências. Esta escolha apesar

de não ser fácil, foi a escolha de um homem pragmático que procurava a estabilidade e que embora a literatura o tenha acompanhado durante toda a sua vida, sentia-se atraído pelas ciências justamente pelo seu lado experimental, como o próprio refere: *"Sempre gostei de trabalhar com as minhas mãos. Digo frequentemente que se as coisas tivessem corrido de outra forma eu gostaria de ter trabalhado na metalurgia ou ter sido marceneiro. Além disso, sempre gostei de fazer coisas para a minha casa. Até fiz mobília. Portanto, a física e a química atraíram-me por causa do seu lado experimental, mãos na matéria."*⁽²⁾

Assim, inscreve-se no curso de Físico-Químicas da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Em 1932, um ano após se ter licenciado, formou-se em Ciências Pedagógicas na Faculdade de Letras de Lisboa, e inicia o estágio no Liceu Pedro Nunes, antevendo-se assim qual iria ser a sua actividade principal daí para a frente e durante 40 anos – professor e pedagogo.

Rómulo de Carvalho ensinou durante 14 anos no liceu Camões, tendo sido, depois, convidado a leccionar no liceu D. João III, em Coimbra, permanecendo aí



1911, aos 5 anos

⁽¹⁾ GEDEÃO, António, *51v 3 poems and other writings*, organizado por A. M. Nunes dos Santos, 1.ª edição, Viseu, FCT da Universidade Nova de Lisboa, 1992, 11p. in http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/.

⁽²⁾ Idem, pp 170



Em 1929

até, passados oito anos, regressar a Lisboa, convidado para professor metodólogo do grupo de Físico-Químicas do liceu Pedro Nunes, em 1958.

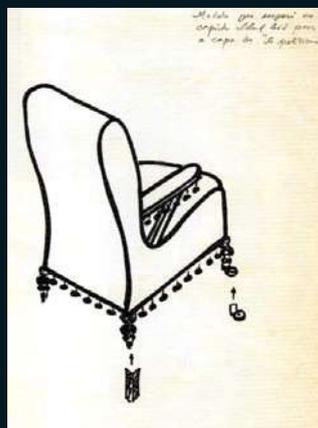
Como ele afirmava *"Ensinar é tornar as coisas mais comuns do mundo em objectos de contemplação e reflexão. Precisamos de transformar tudo o que nos rodeia, tudo o que é estranho – e no entanto parte da nossa realidade – num desejo real de compreender"*.

Para Rómulo de Carvalho ensinar era uma paixão: *ser Professor tem de ser uma*

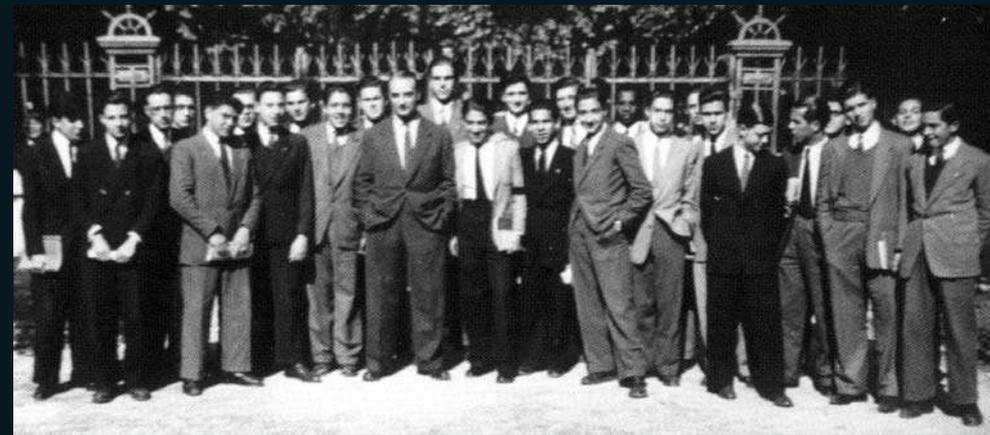
paixão – pode ser uma paixão fria mas tem de ser uma paixão. Uma dedicação. Por isso, era exigente, era um comunicador por excelência.

João Caração escreve a respeito da sua experiência como aluno de Rómulo de Carvalho: *"O dom de experimentador e demonstrador dos desígnios da natureza distinguiu Rómulo de Carvalho. As suas aulas de laboratório eram sempre de uma riqueza não antecipada. Pelo modo como percebíamos o funcionamento das experiências e, ao mesmo tempo, as suas limitações. Ou o seu enquadramento. Ou as histórias humanas ligadas às grandes experiências "clássicas" que motivavam a respectiva aula.*

Com Rómulo de Carvalho, a física transformou-se para mim num corpo de conhecimentos de enorme importância quer para o entendimento da vida quotidiana quer para a compreensão da nossa posição no cosmos; os seus conceitos, as grandezas físicas, e as



Desenho de uma poltrona da autoria de Rómulo de Carvalho



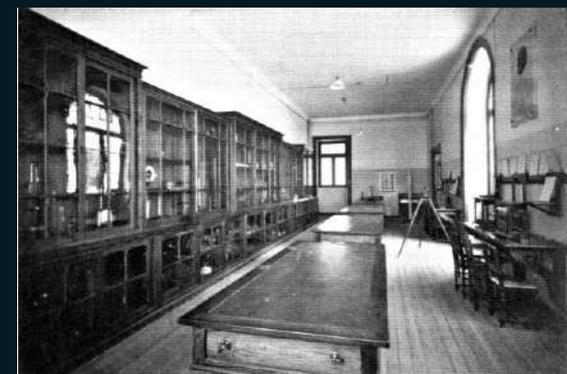
Rodeado dos seus alunos da 6.ª turma do 1.º ano do Liceu Camões no ano lectivo de 1945/46

suas relações, as leis da natureza, surgiam com a força da ténpera humana que as tinha criado, discutido e aplicado; o edifício lógico e harmonioso que acolhia a formulação matemática das grandes simetrias do universo ia progressivamente exercendo o seu poderoso fascínio sobre a minha mente de adolescente à medida que, pela mão segura de Rómulo de Carvalho, nele ia penetrando."⁽³⁾

O empenhamento e a paixão pelo ensino leva-o, também, a dedicar-se à elaboração de compêndios escolares, inovadores pelo grafismo e forma de abordar matérias tão complexas como a física e a química.

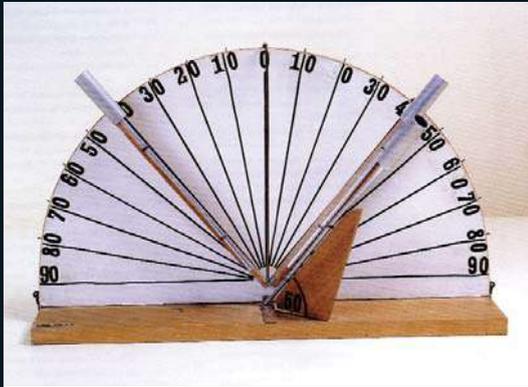
Colaborou também, a partir de 1946, como co-director da "Gazeta de Física", actividade que manteria até 1974.

A partir de 1952, e pelo menos até meados da década de 70 empenhou-se na difusão científica, como autor das colecções "Ciência para Gente Nova", "Cadernos de iniciação científica" e de muitos outros títu-



O laboratório de Física do Liceu Pedro Nunes

⁽³⁾ CARAÇA, João, in "Gazeta de Física", *Experimentação e Aprendizagem nas ciências*, Vol. 20, Fas. 1, s. 1., Janeiro/Março, 1997.



Dispositivo para o estudo das leis da reflexão da luz – concebido e realizado por Rómulo de Carvalho (peça em depósito da E. S. Pedro Nunes)

los, entre os quais "Física para o Povo", cujas edições acompanham os leigos interessados pela ciência. A colecção "Ciência para Gente Nova" surge porque Rómulo de Carvalho sentia que a ciência estava ser ensinada aos seus alunos a partir de grandes compêndios "que dis-

pensavam a ciência como se esta pudesse ser ensinada na forma de um comprimido que se engole". Tentou transmitir os mesmos factos, o mesmo conhecimento de um modo mais agradável e acessível. Destacam-se dos volumes da colecção os seguintes: História do Telefone, 1952, História da Fotografia, 1952, História dos Balões, 1953, História da Electricidade Estática, 1954, História do Átomo, 1955, História da Radioactividade, 1957, História dos Isótopos, 1962, História da Energia Nuclear, 1962.

Através da divulgação científica que lhe surge como puro prazer ficam associadas a comunicação pela palavra, enquanto professor e a comunicação por escrito.

Foi também co-director e colaborador da revista pedagógica "Palestra", de 1965 a 1973, e ainda de outras revistas e boletins dedicados a temas didáctico-pedagógicos.

A dedicação à ciência, à sua divulgação e história foi uma constante durante toda a sua vida. Rómulo de Carvalho não parou de trabalhar até ao fim dos seus dias, deixando, trabalhos concluídos, mas por publicar. A par de uma intensa actividade científica, a arte das palavras, a poesia foi sempre acontecendo na sua vida. António Gedeão nasceu em 1956, quando Rómulo tinha já 50 anos.

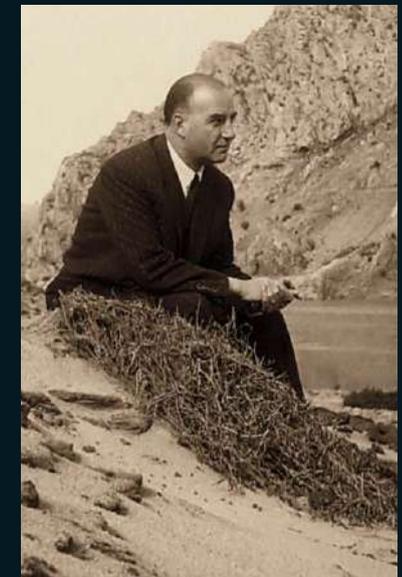
"(...) A minha escrita ocorre por si mesma. Há uma tradição que é os poetas estarem sentados à mesa com uma folha de papel à frente, em branco à espera de uma coisa que lhes há-de surgir. Eu só escrevi depois.



Em 1955

Os meus poemas foram sempre feitos mentalmente e depois passados ao papel. Não é nenhuma vaidade! É assim, o que é que hei-de fazer? Porque é que se fazem recitais de poesia e não recitais de prosa? É difícil citar um poema a outra pessoa dizendo "é o poema que trata disto assim assim", porque um poema não trata exclusivamente de coisa nenhuma".⁽⁴⁾

Ainda como Rómulo de Carvalho, começou por participar, neste ano, num concurso de poesia, de que tomou conhecimento num jornal. Após ter visto o seu nome no jornal tomou a decisão de escrever sob um pseudónimo: *"É que na poesia estou a falar comigo. Enquanto na minha actividade profissional, estou a falar com os outros. É uma coisa diferente. A uma certa altura – agora, com licença, vou-me recolher ao meu silêncio e à minha toca. Nessa altura, então, não quero comunicação nenhuma com o exterior.*



Em 1952

⁽⁴⁾ In Jornal Expresso citado em <http://ptvip.com/notaveis/antoniogedeao/>



Rómulo de Carvalho e sua mulher Natália Nunes, em 1948

Enquanto

*houver um homem caído de bruços no passeio
e um sargento que lhe volta o corpo com a ponta do pé
para ver como é;
enquanto as crianças de olhos lívidos e redondos como luas,
órfãs de pais e de mães,
andarem acossadas pelas ruas
como matilhas de cães;
enquanto as aves tiverem de interromper o seu canto
com o coraçãozinho débil a saltar-lhes do peito fremente,
num silêncio de espanto.
rasgado pelo grito da sereia estridente;
enquanto o grande pássaro de fogo e alumínio
cobrir o mundo com a sombra escaldante das suas asas
amassando na mesma lama de extermínio
os ossos dos homens e as traves das suas casas;
enquanto tudo isto acontecer, e o mais que se não diz por ser verdade,
enquanto for preciso lutar até ao desespero da agonia,
o poeta escreverá com alcatrão nos muros da cidade:
ABAIXO O MISTÉRIO DA POESIA*

*Por isso perco até a minha própria
identidade. Quero ser aquilo que
realmente sou mas que é só para
mim, que é incomunicável.”⁽⁹⁾*

A sua poesia tinha um ideal: o ser útil – “*Era a esperança de que essa poesia pudesse ser útil a quem a lesse; que lhe aliviasse as preocupações.*” Tinha uma razão: a humanidade – “*A minha estrela polar é esse desejo inatingível da Humanidade melhorar nos sentimentos e na forma de actuar.*” E uma paixão: a liberdade do espírito.

Publica, em 1956, o primeiro livro de poemas *Movimento Perpétuo*. O livro foi bem recebido pela crítica e António Gedeão continua a publicar poesia, aventurando-se, anos mais tarde, no teatro e, depois, no ensaio e na ficção.

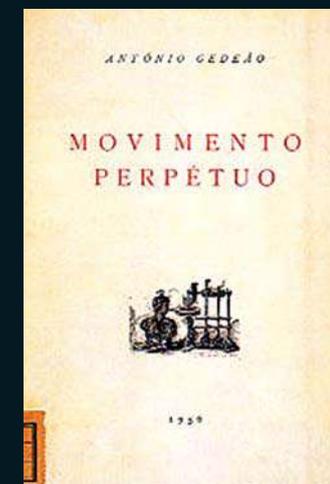
Esta primeira obra de Gedeão intriga e surpreende os críticos, pois surgiu, estranhamente, só quando o seu autor tem 50 anos de idade. Porém, mais do que se enquadrar em qualquer movimento literário específico, a sua poesia tem um enquadramento geracional que o leva a preocupar-se com os problemas comuns da sociedade portuguesa, da época.

Na obra *Movimento Perpétuo* surge o mais conhecido e emblemático poema de António Gedeão: *Pedra Filosofal*:

*Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.*

*eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho alacre e sedento,
de focinho pontiagudo,
que força através de tudo
num perpétuo movimento.*

*Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,*



⁽⁹⁾ Uma conversa com Rómulo de Carvalho / António Gedeão citado em http://nautilus.fis.us.spf/gazeta/93/GF-16_1.93/02.html

contraponto, sinfonia,
 máscara grega, magia,
 que é retorta de alquimista,
 mapa do mundo distante,
 rosa-dos-ventos, Infante,
 caravela quinhentista,
 que é cabo da Boa Esperança,
 ouro, canela, marfim,
 florete de espadachim,
 bastidor, passo de dança,
 Colombina e Arlequim,
 passarola voadora,
 pára-raios, locomotiva,
 barco de proa festiva,
 alto-forno, geradora,
 cisão do átomo, radar,
 ultra-som, televisão,
 desembarque em foguetão
 na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
 que o sonho comanda a vida,
 que sempre que um homem sonha
 o mundo pula e avança
 como bola colorida
 entre as mãos de uma criança.

A Pedra Filosofal é "o símbolo de qualquer coisa capaz de transformar o que existe, tornando-o precioso. É uma crença consoladora".

Urbano Tavares Rodrigues escreve a propósito deste poema o seguinte: "Neste extraordinário poema, que é um cântico ao sonho, associado à ideia de progresso, combina-se a terminologia científica e a técnica (a cisão do átomo, o radar, o alto-forno, a geradora, o foguetão que desembarca na superfície lunar), com o vocabulário bucólico tradicional (o ribeiro manso, os pinheiros altos), e ainda com a surpresa de certas antíteses e imagens (os serenos sobressaltos, as aves que gritam em bebedeiras de azul). (...) Muito ligado à poesia dos cancioneiros medievais e ao romancero popular, consegue veicular no esquema

aparentemente pobre do heptassílabo a grandeza da sua cosmovisão, em que o homem, o "animal aflito" que ele nos apresenta logo no começo do Movimento Perpétuo, vai reger ao longo dos séculos, entre civilização e barbárie, a poderosa orquestra do conhecimento ou, por outras palavras, vai dissipando as sombras, os véus que ocultavam a realidade, gerando assim novas artes e saberes, novas máquinas, dominado a Natureza, cobiçando o império do Universo."⁽⁶⁾

É visível nos seus poemas a simbiose perfeita entre a ciência e a poesia, entre a vida e o sonho, a lucidez e a esperança, a simbiose entre Rómulo de Carvalho e António Gedeão em que sempre coexistiram dois interesses bastante distintos mas que provinham da mesma pessoa.

A sua poesia representou uma geração que viveu reprimida por um regime ditatorial e marcada por uma guerra colonial interminável e que teve o atrevimento de acreditar que pelo sonho, a liberdade era possível. O sonho comanda a vida passou a ser uma bandeira de luta, de todos homens e mulheres, que desejavam avidamente a liberdade. É deste modo que "Pedra Filosofal", musicada por Manuel Freire, se tornou num hino à liberdade e ao sonho.

O poeta continua a publicar os seus trabalhos: em 1958 lança "Teatro do Mundo", em 1961 "Máquina do Fogo", e em 1967 "Linhas de força".

Mais tarde, em 1972, José Nisa compõe doze músicas com base em poemas de Gedeão e produz o álbum "Fala do Homem Nascido". Este álbum, produzido em Novembro de 1972 e gravado em Madrid e Lisboa, conta com 12 poemas de António Gedeão musicados, e interpretados por Carlos Mendes, Duarte Mendes, Samuel e Tonicha. Em 1998 o álbum foi reeditado em formato de CD. Desse CD fazem parte: *Estrela da Manhã* por Carlos Mendes, Duarte Mendes, Samuel e Tonicha; *Fala do Homem Nascido* por Samuel; *Desencontro* por Samuel, Tonicha; *Tempo de Poesia* por Duarte Mendes; *Vidro Côncavo* por Carlos Mendes, Duarte Mendes, Samuel e Tonicha; *Poema da Malta das Naus* por Samuel; *Lágrima de Preta* por Duarte Mendes; *Poema do Fecho éclair* por Carlos Mendes; *Calçada de Carriche* por Carlos Mendes; *Poema da Auto-estrada*

⁽⁶⁾ TAVARES RODRIGUES; Urbano, "Decifrados do mundo, Alquimista do sonho" in *Jornal de Letras*, 26 de Fevereiro, 1997.



Rómulo de Carvalho no seu escritório da casa da Rua Sampaio Bruno em Lisboa, em 1996

por Tonicha; *Poema da Pedra Lioz* por Samuel.

De 1964 a 1978 reúne as suas "Poesias Completas" em sucessivas edições, publicadas em Lisboa pela Portugália Editora; as seguintes edições foram

depois publicadas por João Sá da Costa Editora, que em 1997 publicou a mesma obra em edição ilustrada com desenhos de Júlio Pomar.

Para assinalar o quarto centenário do nascimento de Galileo Gaililei, o poeta escreve, também em 1964, o "Poema para Galileo", traduzido para italiano por Roberto Barchiesi e publicado em edição bilingue pelo Instituto Italiano di Cultura:

Anos mais tarde, António Gedeão experimentou também o ensaio, com "O Sentimento Científico em Bocage"; a ficção, com "A Poltrona e Outras Novelas"; e o teatro, com a peça "RX 78/24" e a dramaturgia infantil "História Breve da Lua".

Em 1971 a Comissão de Censura não autorizou levar à cena a peça "RX 78/24", que só seria estreada em 1978, no Teatro Nosso Tempo.

No ano seguinte, em 1972 o grupo de bailado da Fundação Calouste Gulbenkian dança, na fundação, um Ballet inspirado em "Poema do Homem Só", coreografado por Carlos Trincheiras e com música de André Boucourechliev.

Entretanto, após 40 anos de ensino, em 1974, motivado em parte pela desorganização e falta de autoridade que depois do 25 de Abril tomou conta do ensino em Portugal o professor Rómulo de Carvalho decide reformar-se.

Foi ainda convidado para leccionar na Universidade mas declina o convite.

Nos anos seguintes dedicou-se por inteiro à investigação publicando numerosos livros, tanto de divulgação científica, como de história da ciência. A editora "Relógio de Água" reedita em 1995 "Física para o povo"



Com o seu filho Frederico Carvalho

com o título "A Física no Dia a Dia". Além de obras de investigação erudita sobre a história da ciência em Portugal no século XVIII, publicou igualmente um vasto estudo "O Texto Poético Como Documento Social" e "História do Ensino em Portugal", que actualmente constitui uma obra fundamental para os estudiosos do assunto.

Gedeão também continua a sonhar, e a escrever poesia. Em 1984, a editora João Sá da Costa, de Lisboa publica "Poemas Póstumos", e "Novos Poemas

Póstumos" em 1990, aos quais se seguem depois novas edições. Era a morte de António Gedeão. *"Quando reconheci que já não valia a pena escrever, principalmente porque cairia no hábito de me repetir. Achei que era melhor ficar naquele ponto para que isso não me acontecesse. O António Gedeão morreu. Paz à sua alma". Escrever poesia era "Uma necessidade muito íntima da pessoa se queixar daquilo que sente. Mas claro que quando as pessoas se queixam muito, tornam-se maçadoras... Acabam por incomodar os outros. Por isso, achei melhor parar."*⁽⁷⁾

Em 1985 Rómulo de Carvalho foi eleito sócio correspondente da Academia de Ciências. Cinco anos depois, em 1990, já com 83 anos, assumiu a direcção do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa, função que desem-



Com a mulher e os netos, em 1995

⁽⁷⁾ In NUNES, Maria Leonor, o físico prodigioso, in *Jornal de Letras*, Lisboa, ano XVI / n.º 680, de 6 a 19 de Novembro de 1996, pp. 15-17.



Com sua mulher, em 1996

penhará até ao fim dos seus dias. Em 1992 foi eleito sócio efectivo da mesma Academia, ocupando o lugar deixado vago por Luís Albuquerque.

Ao completar 90 anos de idade, em 1996, a sua vida e obra foram alvo de uma homenagem a nível nacional por parte do Ministério de

Ciência e de Tecnologia em colaboração com instituições e personalidades dos meios universitários, educativo e cultural. O professor, investigador, pedagogo e historiador da ciência, bem como o poeta, é reconhecido publicamente por personalidades da política, da ciência, das letras e da música. Esta homenagem teve um dos seus momentos altos com distinção atribuída pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com a Grã Cruz da Ordem Militar de Santiago e Espada. Esta distinção foi efectuada na escola onde a partir de 1958, Rómulo de Carvalho foi professor, o liceu Pedro Nunes. A partir desse dia, o laboratório de Física foi baptizado com o nome de Rómulo de Carvalho.

Após a sua morte, a data do seu aniversário, 24 de Novembro passou a ser designado como o Dia Nacional da Ciência.

Também a "Gazeta da Física" promove, nessa altura, uma edição especial que teve como objectivo assinalar o seu meio século de existência e o 90º aniversário do professor e poeta.

Em 1997, ano da sua morte foi publicado ainda uma antologia, "Poemas Escolhidos", organizada por António Gedeão e editada também por João Sá da Costa.

No dia 19 de Fevereiro de 1997 morreu Rómulo de Carvalho, 13 anos depois da "morte" de Gedeão. Dois dias depois foi sepultado no Talhão dos Artistas do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.



Com a filha Maria Cristina e o neto mais novo Manuel, em 1990

Era um homem sereno, reservado, calmo, com um humor subtil, um homem de múltiplos saberes, o poeta, o professor, o cientista que conviveram e se ajudaram mutuamente.

Teve como muitos o disserem uma vida magnífica, que deixou muitas saudades em todos quantos com ele conviveram, trabalharam, cresceram, reflectiram, estudaram e amaram.

*Eu queria agradecer-te,
a inteligência das coisas que me deste.*
Poema para Galileo

Foi ao longo da sua vida alvo de muitas outras homenagens, das quais se destacam: a 10 de Junho de 1987 foi nomeado Grande Oficial da Instrução Pública pelo Presidente da República; em 1992 a escola secundária da Cova da Piedade foi baptizada com o seu nome; em 1995 a Universidade de Évora conferiu-lhe o grau de Doutor *Honoris Causa* e um ano depois, no âmbito da Homenagem Nacional recebeu a Medalha de Prata da Universidade Nova de Lisboa e a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

A Câmara Municipal de Lisboa presta-lhe a sua homenagem ao atribuir o seu nome a uma rua na freguesia de Marvila, onde está localizada a Escola de Ensino Básico 2+3 de Marvila.

*Hei-de morrer inocente
exactamente
como nasci.
Sem nunca ter descoberto
o que há de falso ou de certo
no que vi.*
"Forma de Inocência"



Doutoramento *honoris causa*

Rua António Gedeão



Bibliografia:

CARAÇA, João, in *Gazeta de Física, Experimentação e Aprendizagem nas ciências*, Vol. 20, Fas. 1, s. I., Janeiro / Março, 1997

GEDEÃO, António, *51v 3 poems and other writings*, organizado por A. M. Nunes dos Santos, 1.^a edição, Viseu, FCT da Universidade Nova de Lisboa, 1992

NUNES, Maria Leonor, “O físico prodigioso”, in *Jornal de Letras*, Lisboa, ano XVI / n.º 680, de 6 a 19 de Novembro de 1996

TAVARES RODRIGUES; Urbano, “Decifrados do mundo, Alquimista do sonho” in *Jornal de Letras*, 26 de Fevereiro, 1997

Pedra Filosofal – Rómulo de Carvalho / António Gedeão, Dir. Luisa Corte-Real e Marta Lourenço, Ed. Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, 2001

http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/

<http://ptvip.com/notaveis/antoniogedeao/>

http://nautilus.fis.uc.pt/spf/gazeta/93/GF-16_1.93/02.html

Fotos cedidas pela sua mulher Natália Nunes e da obra *Pedra Filosofal – Rómulo de Carvalho / António Gedeão*

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa
Comissão Municipal de Toponímia

TÍTULO

António Gedeão

TEXTOS

Teresa Sancha Pereira

COORDENAÇÃO

António Trindade

DESIGN GRÁFICO

Paula Albuquerque

COLABORAÇÃO GRÁFICA

Albino Teresa

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

Fernando Gomes

TIRAGEM

2000 ex.

ANO

2004

DEPÓSITO LEGAL

N.º 210005/04

EXECUÇÃO GRÁFICA

